

A presença dos primeiros japoneses no Brasil

Tomoko Kimura Gaudioso

Introdução

No dia 18 de junho de 1908, ano 41 da era Meiji¹, o navio Kasato-maru aportou no porto de Santos trazendo os primeiros 781 japoneses contratados para trabalharem nas fazendas de café e mais 12 imigrantes sem vínculo empregatício. HANDA (1981) descreve minuciosamente a reação de primeiros japoneses imigrantes que pisaram no solo brasileiro tendo em vista a dificuldade em se adaptar à cultura e à língua totalmente diferente com as do Japão². Foi o início da imigração japonesa. Desde então, salvo o período de restrição de entrada de estrangeiros no início do século XX e durante a II Guerra Mundial, a imigração dos japoneses ao Brasil não conheceu freios.

Os descendentes japoneses, identificados como *nikkeis*³, ocupam atualmente uma significativa fatia da população brasileira contribuindo para o desenvolvimento do país. Para se ter uma noção do crescimento populacional dos *nikkeis*, comparemos seu número desde que chegaram ao Brasil. Em 1908, 791 japoneses desembarcaram em Santos. Em 1978, ao comemorarem o 70º ano desde a chegada, o seu número havia aumentado para 700 mil pessoas. Em 1998, ao comemorarem o 90º ano da imigração, o número de *nikkeis* havia ultrapassado a casa de um milhão e meio de pessoas, sendo que mais 200 mil *nikkeis*

¹ No Japão, utiliza-se paralelamente ao calendário gregoriano, o calendário por era da dinastia de cada imperador. O calendário refere-se a era do Imperador Meiji, que perdurou de 1868 até 1912. O calendário gregoriano foi adotado no Japão somente em 1900. Sobre calendário, é interessante consultar NAGATA, Hisashi. *Koyomi to uranai no kagaku*. Tóquio: Shincho-sha, 1982, p. 119 –123. Também, ver *Agenda histórica*. Tóquio: Yoshikawa Kobunkan, 2001 p. 8 e ss.

² Sobre o assunto, ver HANDA, Tomoo. *Imin no seikatsu no rekishi*. (História da imigração japonesa). São Paulo: Centro de Estudos Nippo Brasileiro, 1981.p.10 e ss. Também ver: REIS, Maria Edileuza Fontenele, *Brasileiros no Japão: o elo humano das relações bilaterais*. NINOMIYA, Masato, org. e trad. 2.ed. São Paulo: Kaleidus-Primus, 2002, p. 10.

³ As pessoas de origem japonesa são designadas de *Nikkei*, i.e., os indivíduos que tem na sua ascendência alguém de nacionalidade japonesa. Para ser considerado *nikkei*, portanto, deve ter na sua linhagem o sangue japonês. Por analogia, também se utiliza essa palavra para definir empresas japonesas que atuam no exterior.

brasileiros trabalham no Japão como *dekasseguis*⁴ fornecendo a mão-de-obra necessária para o crescimento econômico japonês e, por outro lado, trazendo divisas significativas para o Brasil.

Os japoneses e seus descendentes no Brasil comemoram o dia 18 de junho como o Dia da Imigração Japonesa. Grandes festividades são realizadas pelos *nikkeis* em todo o Brasil, de norte a sul. O contato dos japoneses com o solo brasileiro, porém, iniciou-se muito antes da referida data. Apesar de ser praticamente desconhecido mesmo pelos historiadores, o fato é que, em novembro de 1803, quatro naufragos japoneses salvos pelos russos estiveram na Ilha de Santa Catarina a bordo do navio *Nadiezbeda*⁵. Essa expedição, além dos quatro japoneses, era composta pelo Capitão Ivan Fyodorovich Krusenshtern, emissário do império russo N. P. Rezanov e mais 79 tripulantes entre médicos, astrônomos, naturalistas, pintor, imediatos e outros. Os naufragos estavam iniciando naquele momento o laço da relação internacional com o Japão, mesmo sem se dar conta da importância do fato.

O Brasil, que o Japão conhecia apenas através das informações obtidas nas bibliografias, passou a ser concreto. Saiu da ficção e tornou-se efetivo, trazendo esperança para a internacionalização do país antes praticamente isolado do mundo.

Esses quatro naufragos certamente contribuíram profundamente para a futura concretização do tratado de amizade firmado entre Japão e Brasil. É através deles que os japoneses, vivendo na clausura pelo fechamento dos portos decretado pelo *shogunato* de Tokugawa, passam a conhecer a imensidão do mundo de forma mais concreta⁶. Os naufragos, como os primeiros japoneses que fizeram uma viagem completa do hemisfério norte ao hemisfério sul, forneceram uma importante descrição sobre tudo que viram em suas viagens, inclusive no solo brasileiro, identificando semelhanças nos produtos aqui encontrados, o que confirma a afinidade dos japoneses com o Brasil.

Kankai Ibun (Informações exóticas ouvidas na viagem realizada ao redor do mundo), organizado por OTSUKI Gentaku (1757-1827) e SHIMURA Hiroyuki (1769-1845) em 1807, é o documento mais antigo que registra o contato dos japoneses com o solo brasileiro.

Para comemorar os 200 anos deste contato, foi realizada a tradução do volume 12 do documento organizado por esses autores, que trata exatamente das anotações de relato das experiências dos naufragos que viajaram pela rota atlântica até chegarem à Ilha de Santa Catarina e sua partida numo ao Oceano Pacífico através do Estreito de Magalhães. O texto é acompanhado de uma análise histórica da época para melhor situar o leitor quanto ao seu conteúdo.

⁴ A palavra *dekassegui* significa trabalhador que se desloca de seu domicílio para obter emprego temporário.

⁵ *Nadiezbeda*: a palavra *nadiezbeda* significa “esperança” em língua russa. Neste lugar gostaria de agradecer à professora Tanira Castro do Setor Russo, Instituto de Letras da UFRGS pela ajuda referente à língua russa.

⁶ O Japão viveu isolacionismo no período de 1639 a 1858 quando o governo de *Bakufu* (governo de militares) limitou o contato com ocidente somente com os holandeses. O governo da época temia a colonização do país pelos portugueses que pregavam o cristianismo.

O Japão isolado

O Japão foi divulgado pela primeira vez na Europa por Marco Polo, no final do século XIII. Nessa época, o Japão havia sofrido duas tentativas de invasões mongóis, a primeira em 1274 e a segunda em 1281, que não se concretizaram⁷. Em 1542 ou em 1543, naufragos lusitanos chegaram na Ilha de Tanegashima. Foi o primeiro contato dos europeus com o Japão⁸. Desde então até 1639, os portugueses mantiveram um intenso comércio com o Japão. Ao mesmo tempo, os jesuítas divulgaram o cristianismo naquela ilha⁹.

A partir da segunda década do século XVII, sob a influência dos holandeses que desejavam afastar os portugueses do comércio com o Japão, a política do *shogunato* em relação aos países estrangeiros se alterou, tendendo ao fechamento do país. Criou-se em 1636 a ilha de Deshima, um ilha artificial em Nagasaki, onde aos navios estrangeiros era permitido aportar.

Em 1636, sob o governo de *shogunato*¹⁰, o *shogun* Iemitsu Tokugawa iniciou o processo de isolamento do Japão do resto do mundo, extinguindo as atividades dos navios oficiais denominados *shuin-sen*¹¹ e proibindo seus súditos de saírem do país. Em 1639, em decorrência da Rebelião de Shimabara (1637-1638), que envolveu cristãos católicos, o governo determinou a proibição definitiva da estada dos portugueses completando, assim, o processo de isolamento do Japão¹². Aos holandeses que não seguiam o catolicismo foi concedida a licença para aportarem exclusivamente na ilha artificial de *Deshima*. O único contato do Japão com o ocidente passou a ser através dos holandeses que vinham a essa ilha com interesses comerciais. No Japão, então isolado, desenvolveu-se o estudo sobre o ocidente chamado *rangaku*¹³. As informações sobre os países estrangeiros passaram a ser obtidas somente através dos holandeses, a veracidade de seus conteúdos baseava-se exclusivamente na confiança nos livros japoneses.

⁷ KEENE, Donald et alii. *Mongoru no shuurai*. In: Visual Human Life: the nippon. Tokyo: Kodansha, 1986. P. 578-579.

⁸ Como escreve Reishauer, "A sixteenth century folding screen, depicting Portuguese in the streets of Japan. Reaching Japan in 1542 or 1543, the Portuguese were the first Europeans the Japanese had ever seen, and the Japanese were fascinated by their strange costumes and curious physiognomy." In: REISHAUER, Edwin O. *The Japanese*. Tokyo: Charles E. Tuttle Co., 1987, p. 69.

⁹ Sobre o assunto, cf.: KUNIYOSHI, Celina. *Imagens do Japão*. São Paulo: Estação liberdade, 1998, p. 32-33.

¹⁰ *Shogunato*: Sistema de governo inaugurado em 1192, quando Minamoto Yoritomo, em 1185, foi nomeado pelo imperador *Sei-I-Taishogun* (generalíssimo no comando das forças de repressão aos bárbaros). Continuou até a Restauração Meiji (1868). Abreviado para *shogun*, passou a designar o chefe de governo militar hereditário. Cf.: KUNIYOSHI, op. cit., p. 58-59.

¹¹ Os navios mercantes recebiam permissões oficiais com selo vermelho (*shuin*) para exercer atividades de comércio com países estrangeiros, principalmente com a China. O navio que possuía esse selo era chamado de *shuin sen* (navio de selo vermelho).

¹² Esse isolamento durou até 1868 quando o sistema de governo estabelecido pelo *shogunato* denominado *bakuban* foi extinguido pela retomada do poder pelo imperador Meiji. Sobre o assunto, ver KUNIYOSHI, op. cit., p.39-41. Ver também, HALL, John Whitney. *El imperio japonés*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1973.

¹³ *Rangaku*: era assim chamado o estudo sobre os conhecimentos vindos do ocidente trazidos pelos holandeses. Sobre o assunto, ver: KUWABARA, Takeo. *Japan and western civilization*. Tokyo: University of Tokyo, 1986.

Entretanto, enquanto o Japão isolava-se do resto do mundo por quase duzentos anos, o ocidente experimentava grandes mudanças políticas, sociais e econômicas. A Europa estava submergida na política de expansão sendo que na Ásia, a Índia passava às mãos dos ingleses (1858-1947) e a Guerra de Ópio (1840-1842) assolava a China. A Rússia, localizada ao extremo leste do continente europeu e ao norte da Ásia, ao mesmo tempo que expandia o seu território para o oeste europeu procurava um porto que não congelasse durante o inverno para ter acesso ao Pacífico. A localização geográfica do Japão serviria a esse intuito.

O contato oficialmente reconhecido entre Rússia e Japão iniciou-se em maio do ano 4 da era Kansei (1792) quando o Governador de Sendai¹⁴, Sadanobu Matsudaira apreendeu e confiscou os livros “*Sangoku Tsuranzu Setsu*” e “*Kaikoku Heidan*” escritos por Shihei Hayashi. Os livros alertavam sobre o perigo vindo do além mar e a necessidade do fortalecimento da força de defesa marítima. Ao autor foi ordenada a prisão domiciliar.

Cinco meses mais tarde, em setembro de 1792, o emissário russo A. K. Laksman (1766-1803?) chegou à localidade ao norte do Japão chamada Nemuro solicitando o tratado de comércio, acompanhado do tradutor japonês-russo Kotaro Hyotaroich, um náufrago japonês radicado na Rússia. Laksman obteve na ocasião a licença para aportar em Nagasaki¹⁵ sem, no entanto, firmar tal tratado.

Entretanto, o Japão não ficou estático às mudanças do tempo. Após receber várias informações vindas dos náufragos que tiveram contatos com os russos e sentindo a necessidade de verificar melhor a extensão de seu território, no ano 10 da era Kansei (1798), foi formada uma expedição de mais de cem pessoas, liderados por Tokunai Mokami e Jyuzo Kondo para explorarem e efetuarem a medição de Ezo¹⁶, o extremo norte do Japão. Na Ilha de Etorofu¹⁷, os japoneses derrubaram o marco deixado pelos russos e levantaram um outro no lugar dele escrito “Etorofu do Grande Japão”. No ano um da era Kyowa (1801), uma outra expedição japonesa desembarcou na Ilha de Urupp¹⁸ que era colônia da Rússia e colocou o marco dizendo que aquela ilha pertencia ao Japão. No ano dois da era Kyowa (1802), o governo japonês instalou a sede de controle da região de Ezo¹⁹. A hostilidade japonesa em relação à Rússia havia aumentado desde que Laksman chegou no Japão dez anos atrás. A tentativa da Rússia em devolver os quatro náufragos japoneses e firmar um tratado de amizade com o Japão, em 1803, não obteve sucesso.

¹⁴ Sendai: um dos distritos do Japão ao extremo do Honshu, a ilha principal.

¹⁵ Cf.: SUGIMOTO, Tsutomu et alii. *Kankai Ibum: bonbun to kenkyuu*. Tokyo: Hasaka shobo, 1986.

¹⁶ Ezo: a palavra *ezo* ou *emishi* indica tanto povo ainu que habita região ao extremo norte do Japão como o próprio lugar. Também é chamado de Yezo pelos ocidentais.

¹⁷ Eorofu ou Iturup: ilha existente ao norte do Japão além da Ilha de Hokkaido, Japão

¹⁸ Urupp: ilha existente ao norte da Etorofu, já próximo a península de Kamchatka, Rússia.

¹⁹ Segundo Reishauer, entre a Rússia e Japão sempre houve hostilidades. Diz ele que essa hostilidade iniciou-se ainda na época da Rússia czarista do século XVIII, pela disputa das ilhas de Hokkaido, Sakharin e as Ilhas Kuriles. Essa disputa que culminou na guerra russo-japonesa (1904-1905) só teve fim após a II Guerra Mundial. Sobre o assunto, ver: REISHAUER, Edwin O. Op. cit., p. 415-416. Também, ver: IKEDA, Akira. *Kankai Ibum: Kai Dai*. Tokyo: Omatsudo Shuppan, 1989, p. 305 e ss.

Demoraria ainda por mais de meio século para o Japão passar a abrir os seus portos ao ocidente, num processo gradual e de difícil adaptação²⁰.

Relações Internacionais do Brasil no século XVIII e no século XIX

Quanto ao Brasil, desde a sua época colonial quando pertencia ao Reino de Portugal, sempre esteve em contato com outros povos através das relações diplomáticas. Quanto à menção ao porto de Santa Catarina no documento que relata a vinda dos japoneses, sua veracidade é ainda mais confirmada pelo fato desse porto ser um dos portos mais importantes da época. Só para citar um exemplo, o livro sobre Relações Diplomáticas do Brasil de 1808 a 1912, organizado por Raul Adalberto de Campos cita que:

*“Na convenção secreta relativa à transmigração de família real assinada em Londres a 22 de outubro de 1807, pactuava-se que, no caso de se fecharem os portos de Portugal à bandeira inglesa, seria estabelecido um porto na ilha de Santa Catarina ou em outro lugar da costa do Brasil, por onde as mercadorias portuguesas e britânicas poderiam ser importadas em navios ingleses, pagando os mesmos direitos que pagavam atualmente em Portugal e durando este acordo até o novo ajuste.”*²¹

O artigo acima referido escrito pelo médico José Correia Picanço, que convenceu D. João VI a fundar a primeira escola médico-cirúrgica no Brasil, mostra claramente que a Ilha de Santa Catarina, no início do século XVIII, era um dos portos mais importantes no Brasil para o escoamento de mercadorias, tanto para importação como para exportação. Assim, o depoimento dos naufragos aponta, sem dúvida, a Ilha de Santa Catarina²², onde os navios russos carregavam mercadorias brasileiras para levar ao seu país.

A Rússia mantivera naquela época, ainda durante o período do Brasil colonial, relação diplomática com o Reino de Portugal, através do Tratado de amizade, navegação e comércio assinado em 27 de dezembro de 1798, o qual mais tarde foi prorrogado em Declaração de 29 de março de 1815, assinada em Viena²³. Certamente, se Portugal não tivesse firmado esse tratado com o império russo, os japoneses não teriam chegado ao Brasil naquela ocasião e o Japão não teria obtido uma visão global da imensidão do mundo.

²⁰ Depois de firmar tratados de amizade com alguns países como Inglaterra e Estados Unidos, o Japão passou por um período de crise econômica com inflação no mercado interno devido ao excesso de exportações e falta de mercadorias para o consumo. O governo japonês, diante das revoltas populares e de vários incidentes diplomáticos, cogita em fechar novamente os portos ao ocidente através da elaboração da lei de expulsão de estrangeiros, *Jooi*, em 1863. Porém, a incursão do Japão no processo de internacionalização tinha tomado-se irreversível. Em 1868, os militares devolvem o poder nas mãos do Imperador Meiji, o qual decide abrir os portos definitivamente aos países estrangeiros.

²¹ Fonte: RIBEIRO, João. História do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria São José, 15ª ed. 1954, p.21.

²² A capitania de Santa Catarina que inicialmente fazia parte da capitania de Santo Amaro, doada a Pêro Lopes de Souza, em 1711 incorporada à coroa portuguesa. Em 1723, por ordem real, inicia-se a colonização pelos açorianos e colonos vindos da Ilha de Madeira. Em 1739, a sede do governo de Santa Catarina muda-se para povoado o de Nossa Senhora do Desterro. Fonte: RIBEIRO, João. História do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1954, p. 278.

²³ Ver: CAMPOS, Raul Adalberto de. Relações diplomáticas do Brasil de 1808 a 1912. Rio de Janeiro, Typ. Jornal do commercio, 1913, p.98.

A trajetória dos náufragos

O documento mais antigo que registra o contato dos japoneses com o solo brasileiro é *Kankai Ibun* (Informações exóticas ouvidas na viagem ao redor do mundo), organizado por OTSUKI Gentaku (1757-1827) e SHIMURA Hiroyuki (1769-1845) em 1807.

OTSUKI, no volume 15 do depoimento assim comenta sobre a viagem dos marinheiros:

"(...) Enumerando os locais e pessoas de costumes e línguas diferentes que os náufragos encontraram no caminho de volta da Rússia ao Japão, começando-se pela primeira ilha em que os náufragos chegaram, podemos citá-los como a seguir:

1. *Aleutas* - nome atribuído aos nativos das Ilhas Onderetsuke. Kotaro comenta que eles se chamam *Aleotska*;
2. *Okhoik* - nome do porto do Continente;
3. *Kamtchad* - o que é natural da *Kamtchaka*;
4. *Yakote* - pessoas e locais referentes a *Yakotsk*;
5. *Bratsk* - nome referente aos nativos próximos a *Yrketsk*;
6. *Tungus* - refere-se a pessoas da região de *Tungus*;
7. *Taruta* - tártaros
8. *Ketaitske* - montanhas da China
9. *Chivachwa* - nome do local a meio caminho entre a nova Capital e *Yrketsk*;
10. *Kameika* - nome referente aos habitantes ao norte do *Moscou*;
11. *Arap* - negro (provavelmente americano);
12. *Karla* - anão;
13. *Swetsuke* - Suécia;
14. *Angeskoi* - Inglaterra;
15. *Fransosuke* - Francês;
16. *Dantske* - Dinamarca;
17. *Ishipan* - Espanha;
18. *Portokali* - Portugal;
19. *Kanaritske* - Ilhas Canárias (dizem que foram colonizadas pelos espanhóis);
20. *Ecatherina* - América do Sul, Brasil;
21. *Ilha Marquesa* - Ilha isolada na América;
22. *Sanbeitke* - idem ao anterior (essas duas ilhas devem pertencer à América do Norte)."

Otsuki comenta sobre isso que com esses vinte e dois nomes de locais e de povos citados pôde conhecer os aspectos dos povos da América do Norte, Ásia, Europa, África e América do Sul. Deve-se comentar ainda, que a primeira ilha, onde os náufragos chegaram depois de se terem perdido no mar, pertencia, na opinião de Otsuki, à América do Norte (região do Alasca). Havia se iniciado uma visualização real da proporção e variação geográfica do planeta Terra, por parte dos japoneses.

O documento relata a partida do navio *Wakamiya-maru* carregado de sacas de arroz do porto de *Ishinomaki*, *Sendai*, ao norte do Japão com destino a *Edo*, atual *Tóquio*, no dia

27 de novembro de 1793, ano 5 da era Kansei. Carregavam 1300 sacas de arroz e 400 toras de madeira. Seus tripulantes eram no total de dezesseis homens, entre capitão, marinheiros e cozinheiro. Eram eles Heibeï (31 anos), Tsudayu (49 anos), Sadayu (51 anos), Gihei (32 anos), Kichijirou (67anos), Sahei (31 anos), Taminosuke (30 anos), Ginsaburou (29 anos), Shigejirou (29 anos), Ichigorou (29 anos), Yasaburou (25 anos), Zenroku (24 anos), Tajurou (23 anos), Tatsuzou (22 anos), Yoshizou (idade indefinida) e Minosuke (21 anos).

Nessa época, o porto de Ishinomaki, localizado em Sendai, era um dos portos mais importantes do Japão. Dali embarcava grande quantidade de sacas de arroz para abastecer a cidade de Edo. A viagem acontecia geralmente em novembro, apesar da época de tempestades, pois essa era a época de colheita de arroz naquela região. O Wakamiya-maru com seus dezesseis tripulantes também partiu com destino a Edo no dia 27 de novembro de 1793, ano 5 da era Kansei com a certeza de que obteria bom lucro com a venda do carregamento. Porém, perdeu seu curso durante a tempestade e depois de navegar à deriva por mais de seis meses, chegou numa das Ilhas Aleutas já próximas ao Alasca. Salvo pelos nativos colonizados pelos russos, ali viveram por uns dois anos. Em 1795, os naufragos foram trazidos para Okhotsk por um comerciante de peles. Por ordem da Czarina Catarina II, os naufragos, divididos em três grupos, de agosto de 1795 a 1796, chegaram a Irktsk. Em função da morte da czarina, os japoneses permanecerem naquele local por longos oito anos, esquecidos pela coroa, tempo suficiente para a adaptação de alguns deles ao costume russo, como o tipo de alimentação e o modo de vida.

A adaptação dos naufragos ao novo ambiente, porém, não foi fácil. Dentre esses dezesseis tripulantes, dois morreram durante a viagem, dez permaneceram na Rússia convertendo-se em católicos otomanos e quatro optaram por retornar ao Japão.

Entre os que decidiram ficar no país que os acolheu, Zenroku, que sabia ler e escrever, resolveu trabalhar como intérprete e professor de língua japonesa, assumindo o papel importante na posterior negociação diplomática entre Japão e a Rússia. Por outro lado, os dados coletados através dos depoimentos dos naufragos sobre a língua e a cultura russa, assim como a cultura ocidental e a cultura dos nativos que habitavam o extremo oriente da Rússia, serve atualmente como grande fonte para pesquisas antropológicas e lingüísticas.

A chegada dos japoneses no porto de Nagasaki a bordo do navio Nadiezheda ocorreu somente em 1804, após decorridos 11 anos desde o naufrágio, devido a inúmeros fatores históricos que ocorreram na Rússia.

A época em que houve o naufrágio, mais precisamente em 1793, a Rússia era governada pela Czarina Catarina II (1729 - 1796), que pretendia expandir seu império, tanto para o ocidente quanto para o oriente. O Japão também não era exceção visto que pela sua posição geográfica, situava-se no local ideal para a saída ao Oceano Pacífico, com possibilidade de instalação de portos que não congelariam mesmo durante o inverno. Entretanto, após a repentina morte da czarina em novembro de 1796, o Czar Pavel I (Paulo I) assumiu o poder. Ao contrário da sua antecessora, o novo Czar não tomou atitude positiva para amadurecer uma negociação com o Japão, adiando, assim, a viagem de retorno dos japoneses à terra natal por mais de seis anos. O seu estilo de governo introspectivo, entretanto, não agradou aos russos. Em 1801, após uma vida curta de cinco anos no poder, Czar Pavel I foi assassinado por seus conselheiros – ministros e em seu lugar o neto da Czarina Catarina II, o Czar Alexandre I assumiu o poder.

Seguindo a vontade da sua avó, o novo czar retomou a iniciativa para uma negociação com o Japão e a existência dos tripulantes naufragados foi lembrada.

Os japoneses, que nesta época viviam de trabalho como qualquer cidadão comum, foram chamados pelo Czar²⁴. Indagados pessoalmente se desejavam retornar ao país natal, os quatro responderam positivamente. Eram eles Tsudayu, Gihei, Sahei e Tajurou²⁵. Zenroku, que já trabalhava no escritório de Nicolaj Petrovich Rezanov²⁶, futuro chefe da missão que levaria uma mensagem de intenção de amizade ao governo de *Bakufu*²⁷, acompanhou os seus conterrâneos durante a viagem de retorno ao país de sol nascente.

Assim, no dia 16 de junho de 1803 – dia 18 de julho do calendário russo – a missão russa acompanhada de quatro japoneses partiu do porto de São Petersburgo rumo ao Japão. Eles navegaram a rota pelo Atlântico, passando inicialmente pela Inglaterra e as ilhas Canárias. Abastecidos em Santa Catarina, Brasil, seguiram a rota em direção ao Oceano Pacífico, atravessando o perigoso estreito de Magalhães.

O documento que relata a aventura desses japoneses divide-se em introdução e mais quinze volumes. O primeiro volume contém as informações sobre os primeiros acontecimentos do naufrágio até serem salvos por nativos das Ilhas Aleutas, sendo que há uma descrição minuciosa de usos e costumes do local além da descrição da fauna encontrada na ilha.

Os dez volumes seguintes descrevem o acolhimento dos naufragos pelos russos, colonizadores das Ilhas Aleutas, suas viagens para São Petersburgo, então capital da Rússia, passando pela Okhotk e Irkutsk²⁸. Em São Petersburgo, os japoneses conheceram os primeiros balões, o sistema de cultivo de plantas usando estufas além de casas de espetáculos de ópera e outros. Os depoimentos revelam a desenvolvida tecnologia do mundo ocidental.

Os volumes doze e treze tratam sobre a viagem de volta dos naufragos para o Japão no bordo do navio russo *Nadiezbeda*, do qual cita sua passagem pelo Brasil. O documento registra inclusive o depoimento dos marinheiros que viveram a calma, temida pelos homens que viviam no mar naquela época.

“Segundo o Capitão, o mar entre as *Ilhas Canárias* e a *América do Sul* é o local mais calmo do mundo e corresponde à altura da linha do Equador. Segundo ele, tanto o vento como as ondas são calmas nesse local e que viajando por mais um dia, o vento passaria a soprar mais forte. Salientou que nossa presença em tal local era fantástica. Por causa das calmarias, o navio teve dificuldade em avançar. O mastro foi severamente danificado. Além disso, segundo Ivan Hyotarowitch²⁹, a água sob a linha do Equador permanece imóvel,

²⁴ Anos após o naufrágio, os japoneses viviam como artesãos, caçadores e comerciantes como qualquer um do povo russo. É interessante que nos depoimentos não tem registro de maus tratos.

²⁵ Fonte: <http://homepage2.nifty.com/snowwolf/kankai0.htm>

²⁶ Fonte: SUGIMURA, Tsutomu et alii, org. *Kankai Iban* (Informações exóticas ouvidas na viagem ao redor do mundo), organizado por OTSUKI Gentaku (1757-1827) e SHIMURA Hiroyuki (1769-1845). 1840 – *textos originais e estudos*. Tóquio: Yasaka Shobo, 1986, p. 465.

²⁷ *Bakufu* – sistema de governo por militares consolidado no Japão no período de Tkugawa que perdurou até 1868, quando o poder é retomado pelo Imperador Meiji.

²⁸ Fonte: SUGIMURA, Tsutomu et alii, org. *Kankai Iban* (Informações exóticas ouvidas na viagem ao redor do mundo), organizado por OTSUKI Gentaku (1757-1827) e SHIMURA Hiroyuki (1769-1845). 1840 – *textos originais e estudos*. Tóquio: Yasaka Shobo, 1986.

²⁹ Trata-se do capitão do navio *Nadiezbeda*, Ivan Fyodorovich Krusenshtern (1770 – 1846) que acompanhou os japoneses na viagem. N.T.

dificultando a medição da distância. Disse-nos que ao atingir essa latitude, há um ponto em que o navio não se move de forma alguma mas que, quando se desloca em direção da costa continental, surge uma corrente marítima tanto para o norte como para o sul, possibilitando a medição da distância. Por exemplo, pareceu-nos que houve um sinal em algum lugar indicando que surgiria um vento que sopraria do norte se navegássemos por mais sete dias. (É difícil de acreditar nessa história)³⁰ (Otsuki, Shimura, 1807).

Para os japoneses daquela época, essa informação valiosa parecia simplesmente uma fantasia das mentes perturbadas dos naufragos. Hoje em dia sabe-se que na linha do Equador há realmente uma zona de encontro da corrente eólica do hemisfério sul com a do hemisfério norte onde não há presença de corrente de ar, o que os antigos navegadores denominaram região de calmaria. Para os navios que andavam à vela, essa região era mais temida do que a zona de tempestades. De fato, na maioria dos diários de bordo dessa época há menção sobre essa região.

Saindo da calmaria, o navio finalmente aportou na Ilha de Santa Catarina. Alguns dos tripulantes desceram do navio e pisaram no solo brasileiro. Foi o início do contato de japoneses com o Brasil. Se foi grande a emoção quando o primeiro homem pisou pela primeira vez na superfície da lua, em junho de 1969, para dar início a exploração do espaço, para o Japão esse fato pôde ter tido significado análogo³¹.

O fato que a esquadra norte-americana do comodoro Perry, composta por quatro navios, comandado por Matthew C. Perry (1794 - 1858) ter avançado na baía de Edo (atual Tóquio) em 8 de julho de 1853, trazendo uma mensagem do presidente norte-americano exigindo a abertura do Japão e a assinatura do tratado de amizade entre os dois países é demasiadamente conhecido não somente pelos historiadores mas por todas as pessoas que de alguma forma estudaram a história japonesa. Apelando à força, os Estados Unidos foram o primeiro país a firmar um tratado de amizade com o Japão, no dia 3 de agosto de 1854, dando início ao processo de abertura total dos portos. A partir de então o Japão passou a firmar tratados internacionais com vários países do ocidente como Holanda, Rússia, Inglaterra e França.

As primeiras tratativas à negociação de acordo de amizade entre Brasil e Japão iniciaram-se em 1892, já independente do Portugal. A assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e o Japão ocorreu em Paris, no dia 5 de novembro de 1895, recebendo a aprovação no Legislativo em 27 de novembro de 1897 pela Lei nº 419³². Assim, o Brasil, internalizando o Tratado Internacional, finalmente travou os laços diplomáticos com o Japão decorrido quase um século depois de os primeiros japoneses terem pisados no solo brasileiro. Portanto, os japoneses chegaram a conhecer o Brasil colonial, mesmo antes da sua independência do Reino de Portugal.

³⁰ O texto em negrito representa os comentários dos organizadores do livro "Kankei Ibum".

³¹ Nessa época, Japão mantinha o comércio apenas com a Holanda cuja religião não era católica. Mesmo assim, o seu contato com a terra era proibido de modo que eles somente aportavam na ilha artificial construída especialmente para esse fim chamada de *dejima*, em Nagasaki. Fonte: SUGIMURA, Tsutomu et alii, org. *Kankei Ibum* (Informações exóticas ouvidas na viagem ao redor do mundo), organizado por OTSUKI Gentaku (1757-1827) e SHIMURA Hiroyuki (1769-1845). 1840 - *textos originais e estudos*. Tóquio: Yasaka Shobo, 1986.

³² Fonte: CAMPOS, Raul Adalberto de. *Relações diplomáticas do Brasil de 1808 a 1912*. Rio de Janeiro, Typ. Jornal do commercio, 1913, pp. 76. Ver também REIS, Maria Edileuza Fontenele, *Brasileiros no Japão: o elo humano das relações bilaterais*. NINOMIYA, Masato, org. e trad. 2.ed. São Paulo: Kaleidus-Primus, 2002, p. 44.

O volume quatorze descreve a chegada dos naufragos no porto de Nagasaki, em fevereiro de 1804, a inspeção dos objetos do navio e a entrega da carta imperial da Rússia desejando o intercâmbio com o Japão. Lá, os naufragos permaneceram por quase um ano até o retorno a Sendai, onde aguardavam seus familiares. Quanto ao emissário russo, Rezanov retornou ao seu país sem obter sucesso na negociação para atar uma relação diplomática com o Japão. A negação do *Bakufu* em firmar um tratado de amizade certamente desapontou o império russo, pois eles acreditavam que a licença concedida pelo governo japonês ao Laksman, em 1792, para usar seus portos valeria também para demais embarcações futuras³³.

O último volume fornece uma visão global sobre a extensão geográfica dos cinco continentes, incluindo uma descrição da situação política da Holanda, uma perspectiva geopolítica de vários países, informações sobre a formação do território do império russo, uma menção de Índia, Pérsia, arua Irã, etc., conforme enumerado nas páginas anteriores. Otsuki comentou nesse volume que somente o Japão mantém-se isolado enquanto que a Rússia mantinha relações diplomáticas com todos outros países do resto do mundo.

Os primeiros contatos dos japoneses com o Brasil, como foi mencionado anteriormente, estão documentados no volume doze da coletânea. Nesse volume está descrita a viagem desde sua partida do porto de São Petersburgo, passando pela passagem pela linha do Equador, pela parada em Ilhas Canárias e Santa Catarina, até a chegada na Terra do Fogo onde os viajantes japoneses conheceram as maravilhas do extremo sul da Terra. É justamente esse volume que interessa à pesquisa do presente trabalho, pois documenta a chegada dos primeiros japoneses que pisaram no solo brasileiro. Através do estudo de inúmeras anotações e descrições narradas pelos viajantes e mapas fornecidos pelo emissário russo, o Japão que vivia na auto-clausura pôde obter valiosas informações acerca do Brasil, até então somente conhecido por meio de informações obtidas por alguns livros vindos da Holanda.

O navio russo traz os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil

A chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil, a bordo do *Kasato-maru*, é cansadamente descrita e comentada. De fato, *Kasato-maru*, de bandeira japonesa aportou no porto de Santos no dia 18 de junho de 1908, ano 41 da era Meiji, trazendo primeiros 781 japoneses contratados para trabalharem nas fazendas de café e mais 12 imigrantes sem vínculo empregatício, como já foi citado anteriormente.

O fato, porém, pode ser analisado em uma dimensão maior, do ponto de vista das relações internacionais, não somente entre Japão e o Brasil, mas com uma visão mais global. Se o incidente internacional entre Rússia e Japão trouxe os japoneses ao Brasil, aquele país assumiu mais uma vez um papel importante para a consolidação do elo entre estes países.

Em 1904, o Japão ingressou na guerra contra a Rússia do Czar Alexandre I, dando início a guerra Russo-japonesa (1904-1905), que terminou com a vitória do Japão. Segundo o livro "*Kasato-maru*", organizado pela Comissão para a Comemoração do Cinquentenário da Imigração Japonesa e editado em 1958, o navio *Kasato-maru* era um navio-hospital russo de nome *Aliyuru* que fazia parte da frota da força naval russa do mar Báltico. O fato é confirmado pelo depoimento do contra-almirante Ichiro Fukuda, comandante da divisão que tripulava o cruzador japonês camuflado *Sado-maru* que capturou os navios da frota marinha russa, *Aliyuru* e *Kastroma*, em 27 de maio de ano 38 da era Meiji (1905).

³³ Sobre o assunto, Sugimura comenta que essa interpretação equivocada por parte do governo russo ocorreu devido ao desconhecimento das línguas, tanto pelo lado japonês como russo. SUGIMURA, op. cit., p. 484 e ss.